

10.595.

SYLVIO ROMERO

O ELEMENTO PORTUGUEZ

no Brasil

CONFERENCIA

LISBOA

Typographia da Companhia Nacional Editora

CONDE BARÃO, 50

1902

10.595
cop 2

SYLVIO ROMERO

O ELEMENTO PORTUGUEZ

no Brasil

CONFERENCIA



LISBOA

16.24.898

Typographia da Companhia Nacional Editora

CONDE BARÃO, 53

1902



Ao leitor

PUBLICANDO, em volume, como já o fizera no jornal, o notabilissimo discurso proferido no Gabinete Portuguez de Leitura, do Rio de Janeiro, pelo dr. Silvio Romero, ácerca do elemento portuguez na colonisação do Brasil, julga a redacção da *Mala da Europa* prestar um indispensavel serviço a quantos se interessam pelas boas relações entre os dois paizes.

Era justo que a entusiastica apologia do colonizador portuguez, tecida leal e nobremente por uma das mais illustres figuras do Brasil contemporaneo, não ficasse esquecida nas columnas dos jornaes que a publicaram. Salval-a d'essa vida ephemera, tornando-a conhecida dos que não ouviram a palavra

auctorizada do orador ou, porventura, não leram esse trabalho, era um acto que se impunha. Fica assim satisfeito esse dever indeclinavel.

Agora que em Portugal se trata de prestar uma calorosa homenagem ao dr. Silvio Romero, quer a *Mala da Europa* mostrar a sua adhesão a tão sympathico movimento, por este meio. Outras manifestações que se projectem em honra do grande escriptor terão da nossa parte igual apoio. Modesto e simples, é verdade, mas tendo a valorisal-o a grande sinceridade que nos guia.

Merece-o o dr. Silvio Romero, porque dos estrangeiros amigos da nossa terra, é um d'aquelles a quem Portugal mais deve.

Julho de 1902.

Meus Senhores :

SEJAM as minhas primeiras palavras em agradecimento ao distinctissimo cavalleiro, que se acaba de sentar, director d'esta illustre associação, pelo acto de rasgada gentileza com que acolhêra a pretensão de realisar eu n'esta casa uma conferencia publica sobre assumpto que de mui perto toca á nacionalidade brasileira, e, referindo-se a ella, interessa altamente áquelles que foram os principaes progenitores, os principaes formadores, os principaes organisadores d'essa nacionalidade.

S. ex.^a ainda uma vez poz em prova as altas qualidades de espirito e de coração que foram em todos os tempos o mais bello apanagio do nobre povo a que pertence.

Eu esperava por isso e sinto-me feliz em lh'o testemunhar inequivoca e calorosamente. . . (*Pausa.*)

Um dos factos, senhores, mais tocantes que a historia do seculo que se inicia terá de registrar foi, ao abrirem-se as sessões do Congresso Pan-Americano, reunido no Mexico, a repentina saudação das republicas hispano-americanas á sua velha mãe patria...

Não se esperava, não se previa esse movimento tão poetico, tão attrahente, tão curiosamente suggestivo, tão capaz de fazer brotar n'alma as mais bellas e revigorantes tradições da historia, evocando de subito o passado cavalheiresco d'aquella nação que se suppunha abatida, que se acreditava humilhada; mas claro era que os grandiosos echos de seu patriotismo, os altos feitos de sua vida ainda encontravam uma resonancia digna d'aquelles que alli se achavam representando o seu espirito immorredoiro e superior.

Creio que o delegado do Brasil, seguindo o exemplo, não cahiria em erro, se houvera levantado egual saudação ao velho Portugal, essa parte complementar da Peninsula-Hispanica, que representa na phase das descobertas e conquistas, que abriram a era moderna, o papel salientissimo de iniciador... E não seria de mais esse brado de alento e de esperanza hoje em dia quando, por toda a parte, se espalham sem o mais

leve rebuço as cynicas theorias que chegam a dividir as nações em *sans* e *doentes*, em *válidas* e *moribundas*; quando os livros, as revistas, os jornaes, os discursos dos parlamentos e das conferencias dos povos, que se dizem grandes e poderosos, e se arrogam, por isso, o direito de dirigir os destinos do genero humano e designar o papel que deve caber a todos os povos pequenos, chegam ao ponto de incitar as suas gentes e os seus governos a apoderarem-se das terras d'aquelles que, na opinião *d'esses fanfarrões do poder e da força*, não teem sabido tirar os proventos que a natureza ambiente lhes prodigalisava . . .

Não seria de mais esse signal de apoio ao heroico Portugal, que tambem faz parte das nações pequenas, tambem pertence ao grupo dos ameaçados, quando não directamente nas suas plagas europeias, de modo inequivoco em suas colonias d'África . . . É não é isto caso singular, quando vemos gentes antiquissimas, portadoras de uma civilização veneravel, como a China, ameaçadas da divisão e conquista de seu solo: quando vemos povos christãos e heroicos, quaes os do Transvaal e do Orange, suppliciados implacavelmente aos olhos do mundo quasi indifferente, por defenderem seus lares; quando

vemos eguaes arrogancias chegarem até á affronta de se dirigirem a nacionalidades novas, como as da America do Sul, ou tradicionais, como a Persia e a Abyssinia.

Já nem é preciso falar na India, no Egypto, em Tunis, em Madagascar, porque esses ha muito perderam a direcção de seus proprios destinos e de seu futuro.

Mas, pelo que toca em particular ás nações sul-americanas, nomeadamente o Brasil, é a nefanda doutrina da *re-colonisação e da vida sobre-partilha*, aviltantemente pré-gada por trefegos espiritos europeus, pertencentes ás famosas *grandes potencias*, que se acham á frente do *moderno imperialismo* . . .

A pretexto de não termos nós aqui gente bastãnte numerosa para abarrotar com ella os nossos sertões até ás margens do Madeira e do Mamoré; a pretexto, além d'isso, de não havermos tido a precisa anciedade para arrancar do solo todas as riquezas que nos pode dar, e não sermos hoje tambem uma provocadora potencia armada até os dentes para nos pórmos tambem por nossa conta á frente de algum *imperialismo* para nosso uso, ousam por egual ameaçar-nos, e multiplos e variados tem sido os signaes d'essas ameaças.

Graves erros, infelizmente, dados na moderna colonisação de nosso formoso paiz em todo o correr do seculo passado, podem ajudar, e teem ajudado, a grita dos pretendentes.

E notae que digo durante o seculo passado, o seculo XIX, e não durante os tres seculos anteriores, cujo espirito foi outro e a cujos ensinamentos é preciso, é indispensavel voltar, no intuito de conservar preponderante, illeso, inapagado o character fundamental do principal factor de nossa formação.

Ensinam os competentes que a tres se podem reduzir as maximas que dirigiram o espirito do seculo passado na pesquisa dos factos referentes á vida em suas multiplas manifestações, desde o mineral e o vegetal até os graves problemas da sociologia: todo o conhecimento deve ser *explicativo* e não meramente *descriptivo*: de todas as explicações as mais comprehensivas são as *historicas*; de todas as explicações historicas as mais elucidativas são as que se referem ás *origens*; porque são estas as que deixam o espirito surprehender em seu inicio as forças latentes, em sua pureza nativa a indole dos factores e a qualidade dos impulsos que os fizeram juntar-se e cooperar em commum.

Applicando esse criterio ao assumpto que nos occupa, e, para discutir o qual, ousou abusar por instantes de vossa preciosa attenção, terei que recorrer ao passado, terei de ir á historia e chegar até ás origens do povo brasileiro.

Nossa these é: — *da conveniencia de fortalecer no Brasil o elemento portuguez; e, como não se trata de uma these de politica local e de occasião, não se trata de oppôr o elemento portuguez aos outros elementos que com elle collaboram na formação da nação brasileira, senão de oppô-lo com os seus auxiliares a concorrentes novos, inesperados e perigosissimos, sob o ponto de vista nacionalista, a proposição pode tomar esta outra fórmula: da conveniencia de reforçar no Brasil os elementos que o constituíram historicamente uma nação luso-americana, os elementos que falam a lingua portugueza, ou, ainda e como consequencia de tudo isso: de como de todas as novas colonisações que possam vir ao Brasil a mais conveniente é a portugueza.*

Permitti que vol-o prove e prometto fazel-o, recorrendo a idéas e factos claros, transparentes, de immediata evidencia.

Quatro foram as nações europeias que, na epocha do Renascimento, se atiraram á

faina dos descobrimentos e colonisação dos continentes longinquos e exóticos e lia n'isso uma certa symetria, sob mais de um aspecto interessante: dois povos catholicos e latinos e dois povos teutonicos e protestantes; dois, um latino e outro teutonico, foram felizes, quero dizer, conseguiram crear patrias novas, novas nacionalidades, e foram: a gente hispanica, permittindo vós que sob tal designação comprehenda as duas nações peninsulares — Portugal e Hespanha, e os inglezes; dois outros, um latino e um teutonico, foram menos felizes, quero dizer, não conseguiram, até hoje, fundar nacionalidades, patrias novas, e foram os francezes e os hollandezes.

D'est'arte, os portuguezes-hespanhoes formaram o Brasil, o Chili, o Mexico, a Argentina, o Perú, as republicas latino-americanas, em summa; os inglezes os Estados-Unidos, o Canadá, a Australia, o Cabo, independentes por completo aquelles, quasi independentes estes; ao passo que a França e a Hollanda, na Argelia, na Cochinchina, no Congo, em Java, em Sumatra, não tem passado de feitorias mais ou menos prosperas n'uns pontos, mais ou menos atrazadas n'outros.

Dois povos, que se deixaram ficar parados

durante os tres longos seculos das formações das nacionalidades novas, dos novos rebentos da civilisação christã, que não foram, como aquelles, desbravar as terras inhospitas dos continentes longinquos e mourejar nas porfiadas lides dos trabalhos asperos com os selvagens aggressivos, só agora, recentemente, depois de passados os perigos, depois do *bocado prompto*, como se diz na phrase popular, se apresentam para cumprir o papel da *colonisação*, no moderno sentido que tem este vocabulo. . .

Temol-os aqui tumultuariamente inoculados em determinadas zonas do paiz, quando o mais elementar bom senso, o mais comedido espirito de previdencia, estava a indicar que deviam ser elles espalhados pelo paiz em fóra, como o haviam praticado seus antecessores de trezentos annos: os portuguezes.

Assim, se estudarmos nossas origens, desde que foram lançadas as bases da nossa nacionalidade, encontramos o nosso genuino ascendente europeu: a gente de Camões e não outra qualquer.

Nós, evidentemente, não somos um rebento, um garfo, a vicejar na America, da civilisação gauleza, ou germanica, ou slava, ou scandinava. Não encontramos taes factores

nos primordios, nas origens, para com elles explicar nossa formação ethnica, politica, social, economica, historica. Que somos, pois?

Um prolongamento da civilização lusitana, um povo luso-americano, o que importa dizer que este povo, que não exterminou o indigena, encontrado por elle n'esta terra e ao qual se associou, ensinando-lhe a sua civilização, que não repelliu de si o negro, a quem communicou os seus costumes e a sua cultura, predominou, entretanto, pelo justo e poderoso influxo da religião, do direito, da lingua, da moral, da politica, da industria, das tradições, das crenças, por todos aquelles invenciveis impulsos e inapagaveis laços que movimentam almas e ajuntam homens.

E' por isso que o nosso epico, o immortal Durão, via claro e dizia bem, quando affirmava *ser o Brasil — Portugal transplantado e transfigurado na America* . . .

Se, pois, meus senhores, nós os brasileiros quizermos continuar a ter essa feição, a manter na historia esse character; se não nos sentirmos tentados a mudar de aspecto e transformar a nossa nacionalidade em teuto-americana, anglo-brasileira, italo-brasilica ou qualquer outra coisa que até a lingua sente difficuldade em articular, qualquer ou-

tra coisa ao sabor d'essas vaidosas e rapaces potencias empenhadas na tarefa de ameaçar, de metter medo com avassallamentos, divisões e conquistas, claro é que não precisamos mais do que continuar, reatando-os amplamente, o caminho do bom senso, a corrente das tradições, a cadeia das nossas heranças, ao sabor dos grandes impulsos moraes.

Dos illustres povos, materialmente ricos, militarmente poderosos, industrialmente avançados, temos sim a aprender muito e não nos peja confessal-o.

Trabalhemos, luctemos por chegar onde elles chegam, já que o materialismo da fortuna, do dinheiro, da habilidade industrial, primando sobre todas as qualidades do character, invadiu as sociedades modernas e abastardou todos os surtos do ideal; mas não cheguemos ao aviltamento de deixar de ser nós mesmos, de renegar nossas origens, de apagar nosso passado, de escurecer os altos predicados de nossa raça, de repellir os nossos maiores, ultima das villanias a que pode descer um povo.

Dos portuguezes não temos só a imitar o exemplo; é mister unirmo-nos a elles, chama-los o mais possivel a collaborar connosco.

E' a gente que mais nos convém; porque

é aquella que constitue a base de nosso povo; porque é aquella que transplantou para aqui a nossa lingua e aformoseou nossos costumes; porque é a que representa o que existe de mais selecto em nossas tradições, em todos os principios que dirigem e elevam a alma humana, em tudo que constitue a enredica e complicada trama social e politica da historia.

E' a que mais nos convém, porque teve o intuito superior de alliar-se ás raças que encontrou no paiz, consideradas por ella fundamentalmente collaboradoras e amigas, e as quaes, dando-lhes a lingua, equiparou a si, e chamou ao aconchego de suas familias, á coparticipação nos trabalhos diuturnos, nos esforços de todas as horas.

E', para dizer tudo de uma só vez, a que mais nos convém, por ser aquella que melhora as condições de nossa mestiçagem extensissima, sem alterar a physionomia historica da nação; o que obsta a que sejamos um outro Hayti ou um outro S. Domingos, sem o perigo de transformar-nos em conquististas da Allemanha ou da Italia.

Bastaria o facto extraordinario, unico, inapreciavel, transcendente, da lingua para marcar ao portuguez o logar que elle occupa em nossa vida, em nossas luctas, em nossas

aspirações; bastaria a lingua para definir-nos e extremar-nos de quaesquer concorrentes estranhos que porventura sonhem embaraçar-nos em nossa marcha. Ella só por si na era presente serve para individualisar a nacionalidade; e por isso é que os allemães consideram a patria allemã todo e qualquer sitio onde é falada a lingua allemã; e por isso é que não deixa de ser coisa digna de meditação de pensadores e estadistas britannicos alliar e confederar todos os povos que falam a lingua ingleza, por mais separados que pareçam pelos azares e vaeuens da politica.

E que outra coisa são essas aspirações do *pan-germanismo*, do *pan-slavismo*, esse sonho do *pan-americanismo*? Este ultimo especialmente, para ser pratico, terá de formar tres grandes secções independentes: os anglo-americanos, os luso-americanos, os hispano-americanos.

Em taes conjuncturas, n'uma epocha de ameaças, de imposições, de violencias de um imperialismo infrene, não é muito que procuremos revigorar o character brasileiro, revivescendo, por assim dizer, n'elle os bons sentimentos portuguezes de intransigencia e aferro do solo, os fervorosos affectos que nos acalentaram durante `os fortes tempos colo-

niaes pela integridade da patria, digna herança de nossos antepassados.

Porquanto, se jámais houve gentes em quem a nobilitante e magnifica, e pudera chamar-se divina, paixão pelo torrão natal tivesse sido incontrastavel, perpetua, immorredoura, incondicional, essas gentes são as que de epochas immemoriaes habitam o solo das Hespanhas.

Que o digam phenicios e carthaginezes que gastaram alli centenas de annos em lucta aberta com os naturaes e nunca puderam ir além de rapidas e ephemeris feitorias; que o digam os romanos que empregaram duzentos annos n'uma conquista incompleta, imperfeita, que nunca avassallou por inteiro e por completo aquellas regiões, cuja defeza arrancou ao principe dos historiadores allemães, Theodoro Mommsen, os mais inequivocos brados de admiração, nomeadamente quando falou de Viriato e dos Numantinos, ao passo que a conquista das Gallias consumiu menos de dez annos; que o digam os arabes da grande epocha, mettidos durante oito seculos n'um duello implacavel com os homens da *re-conquista*, que acabaram por eliminá-los em absoluto; que o digam os francezes de Napoleão, contra os quaes até as mulheres e as creanças brandi-

ram as armas do desespero... Abençoada terra e portentosa gente!... E' o cimento indestructivel da *raça* que opéra essas maravilhas.

E a expressão *raça* aqui não a quero eu empregar apenas no sentido material do phenomeno; quero vêr principalmente no facto o alto significado moral da lingua, das tradições, dos affectos, dos ideaes e aspirações communs, a immortal feição historica e cultural da coisa.

E tem tal prestigio que, mesmo sob nossos olhos, anda a operar maravilhas: dissolvendo aqui Estados e levantando-os alli.

Age como força centripeta n'uns casos e centrifuga n'outros.

Quatro notabilissimos enchem de pasmo a historia contemporanea.

Que é que na Turquia tem dissolvido quasi inteiramente o imperio?

Que é que separou dos turcos a Valaquia, a Moldavia, a Grecia, a Servia, a Bulgaria e ameaça esphacelar por uma vez a obra dos sultões?

Nada mais do que a incompatibilidade ethnographica, manifesta em aspirações divergentes.

Que é que tem quebrado a velha monarchia unitaria dos hopsburgos e a reduziu ao

caso de um hybridismo politico de todo instavel?

Que é que alli põe para um lado hungaros, para outro germanicos, para outro tcheques, para outro croatas e ameaça dar por terra com esse colosso de habilidade e de pés de barro?

Sempre e sempre os impetos antagonicos de populações, inassimilaveis por indole, porque são productos disparees das forças eternas que fundiram as almas dos povos.

Vêde agora a acção opposta, o reverso do quadro: a acção centripeta da raça. Ali está esse bello feito da unidade italiana.

A historia, em seu curso caprichoso, muitas vezes inconsciente, não raro insensato, pela acção dos poderosos e despotas, tinha dividido a formosa terra encantada dos poetas e sonhadores em uma duzia de reinos, ducados, principados. . . autonomos, independentes, soberanos, muitos d'elles senhores de fortes exercitos.

Alli estava o Papado, com seu dominio temporal, creado pela espada de homens entre os quaes um se chamava Carlos Magno. . .

Não poderja haver maior prestigio.

Quantos embarços, quantas difficuldades a vencer! E a coisa fez-se. E' que acima de

todas as combinações das vontades ephemer-
 ras paira o principio invencivel do genio
 dos povos; porque esse *faz parte da natu-
 reza como força e como lei*, na phrase do
 poeta; é que acima dos calculos dos estadis-
 tas e dynastas myopes esvoaçava, levando
 aos corações alentos e esperanças, a alma
 italiana acrysolada por dez seculos de dôres
 a balbuciar, a gemer as suas queixas na lin-
 gua divinizada por Dante, Petrarca, Tasse
 e Alfieri. Eis ahi quem venceu e como ven-
 ceu, e eis ahi porque se fez a unidade ita-
 liana.

E não é só: a Allemanha, a despeito de
 haver sido a terra-mater d'aquelles homens
 energicos que deram por terra com o afa-
 mado colossó romano, a despeito de ter sido
 o mais forte imperio da Europa nos se-
 culos XII e XIII, andava retalhada em ses-
 senta ou setenta Estados autonomos, sobe-
 ranos.

Como uniformisar tudo isto?

Como unir para fortalecer, para não vir
 a ser presa do estrangeiro?

Difficilem rem a estabelecer e firmar.

Mas a alma do povo se encarregon de o
 fazer. Todos entraram na faina: primeiro
 os poetas, com seus hymnos patrioticos e
 geraes para toda a nação; depois os histo-

riadores e *folk-loristas*, com suas pesquisas acerca do passado da raça, dos grandes feitos do povo, das lendas e tradições comuns; por ultimo os estadistas dignos d'este nome, que são unicamente aquelles que se revelam uma especie de encarnação do genio e dos intuitos da nação.

E a unidade fez-se e a unidade está-se fazendo, cada vez mais intensa, mais poderosa, mais promissora de alevantados destinos.

Tal é o vigor do principio ethnico das nações.

E nós, que tivemos, como uma herança, a unidade da lingua, do direito, da religião, dos ideaes politicos, e sociaes; nós, que sahimos integros das faixas da historia, quero dizer, que sahimos feitos da phase colonial; nós, que temos n'esse passado o claro e iniludível ensinamento do modo como se devem tratar as arrogancias de estranhas supremacias, nem devemos prestar ouvidos ás cantilenas de um mercantilismo sordido que á sua propria imagem reduz todo ideal, nem devemos desprezar os exemplós que temos em casa, dados por nossos maiores.

Não foi de rosas a sua faina, nem de sonhos o seu labutar.

Grossos e tremendos embaraços tiveram que afastar, terriveis inimigos que repellir.

Mas resistiram e venceram; não temos mais do que seguir a mesma róta, trilhar os mesmos caminhos, nortear a mesma jornada.

Portugal, pequeno, com uma população reduzida, teve força capaz de desannuviar os horisontes durante tres seculos sobre a cabeça d'esse colosso que se chama o Brasil e habilidade bastante para entregar integralmente homogeneo este paiz áquelles que deviam ser os herdeiros de sua politica, de suas conquistas, de suas glorias na America... (*Muito bem.*)

E não seremos dignos de conservar este legado?

E não foram pequenos os escolhos vencidos.

Por trinta annos os hollandezes, ricos e poderosos, senhorearam a mór porção das regiões do Norte, trezentas leguas de costa sobre outras tantas pelos sertões a dentro.

Annos inteiros, os francezes, no sceno aureo de sua grandeza, tomaram pé no Maranhão, como annos antes o tinham feito no Rio de Janeiro e mais tarde o haviam de repetir.

Hespanhoes, em conjuncturas varias, talarão os nossos campos do sul. Que é feito d'essas gentes? Que é feito de todos esses

intrusos que forcejaram por desmantelar a famosa *peça de architectura* politica, de que falava o grande José Bonifacio de Andrada?

Portugal, alliado aos seus naturaes co-operators brasileiros — brancos da terra, mestiços, negros e indios —, desmantelou-lhes os planos, venceu-os, expulsou-os. . .

Portugal, pequeno, com uma população reduzida, desfez esses planos de conquistas que tiveram esquadras no mar e exercitos em terra; Portugal, pequeno, com uma população reduzida, com a sua habilidade politica, sua tenacidade de acção, sua coragem, seu desassombro, com o auxilio natural de seus colonos, com o auxilio das tres raças que se juntaram e vinham formando os alicerces da nova nacionalidade, conseguiu por toda a parte a victoria! E essa victoria, senhores, chegou ao ponto d'essa nação, tão pequena no tamanho e tão grande no valor, nos entregar a nós em 1822, quando fizemos a Independencia, o Brasil maior do que elle é hoje! . . . (*Sensação.*)

Sim, maior! A phrase dos poetas: «*gigante que vae do Amazonas ao Prata*» — era uma realidade: o Brasil vinha então de além do Amazonas ao Prata, nossa natural divisa, defendida pelos portuguezes desde o seculo xvi. . .

E tivemol-a; os erros de nossa politica, depois de nossa Independencia, é que nol-a fizeram perder. . .

Em taes condições, se estes são os ensinamentos da historia; se a nossa nacionalidade é uma nacionalidade luso-americana, e se ella quer continuar a ser o que é para ficar sendo alguma coisa, e não se pode conceber que o não deseje, porque esse monstruoso facto seria unico em toda a vida da humanidade; se não chegámos ainda a um tal grau de loucura que prefiramos a nós mesmos os estrangeiros, isto é, os italianos e os allemães, que são os que para cá immigram em massa e para pontos determinados e escolhidos do paiz; se não desejamos erigir em principio a mania do *alienigenismo*; se não nos queremos transformar em outros tantos *Calabares*, preferidores das raças estranhas á nossa propria raça; se, por outro lado, não podemos efficaçmente contar com o elemento puramente *indigena primitivo*, porque este, além de muito reduzido, achase esparso nos altos e longinquos recessos do oeste; se tambem não podemos mais contar com o elemento *africano*, porque o trafico felizmente acabou, nem o ideal de virmos a constituir um novo Hayti ou um outro S. Domingos é digno de ser imitado; se tudo

isto é a verdade irrefragavel, não temos outro recurso senão appellar para um reforço do elemento portuguez, já que europeus de outras origens quaesquer não querem cá vir espalhar-se um pouco por toda a parte, e os das duas procedencias que nos enviam imigrantes, por nefastos erros da mais estúpida das politicas, foram perturbadoramente agglomerados nas bellas regiões do Sul, e são hoje um perigo permanente para a integridade da patria. . . (*Sensação.*)

A colonisação do Brasil, no correr de todo o seculo XIX, não a colonisação que se poderia chamar santa e providente dos tres seculos anteriores, senão a colonisação no sentido moderno da perturbação dos antigos elementos das patrias novas, e, no ainda mais moderno, da expansão grosseira e tumultuaria de um *imperialismo* avido e turbulento que se apoderou do animo da orgulhosa Europa, cujos grandes feitos são Madagascar e o Tonkin e Tunis engulidos por francezes, o Egypto, o Transvaal, o Orange por inglezes, o Congo e o Soldão por inglezes, francezes e belgas, Zanzibar e Angra Pequena pelos allemães, o Turquestan e o Herat pelos russos, a Erythrée por italianos, sem falar na Tripolitania, ameaçada e, oh! horror! . . . sem lembrar o nosso Acre

tambem posto em almoeda . . . a colonisação do Brasil, digo, no moderno sentido do *imperialismo* da democracia materialista e insaciavel da Europa contemporanea, é o assumpto mais grave de quantos podem preoccupar as almas verdadeiramente amantes d'esta bella patria e é a que tem sido mais desastradamente encaminhada por todos os governos nacionaes desde o tempo da Independencia. (*Muito bem.*)

O insaciavel Moloch do imperialismo contemporaneo, na sua ancia de onro, está praticando a segunda partilha do mundo, a partilha do resto de terras pertencentes ainda aos que elle chama selvagens e barbaros.

A primeira foi feita no tempo do Renascimento, quando a America, a Oceania e partes d'Asia e d'Africa foram senhoreadas por inglezes, hespanhoes, portuguezes, homens de França e de Hollanda.

A segunda é a que desesperadamente se executa de trinta annos a esta parte no Continente Africano e nas regiões centraes da Asia.

Mas, senhores, não é ainda isto que é mais adequado a definir a grosseira insolencia do expansionismo conquistador dos ultimos tempos. O que se me antolha mais apto para desnudar o insensato materialismo das mo-

dernas democracias e seus governos é a doutrina ultrajante que já uma vez appellidei de *Theoria da sobre-partilha* . . .

Consiste esta monstruosidade no seguinte: não é sómente ás terras de selvagens e barbaros que se estende o direito dos europeus; não é sómente d'essas que se devem elles apoderar; o mesmo direito lhes cabe no que diz respeito ás regiões de posse de nações cultas, mas fracas, que não as souberam ou não puderam aproveitar!! . . . Desde fins do seculo XVIII e durante todo o seculo XIX a India foi o theatro d'essa negregada doutrina, cujos fructos mais recentes são a tomada de Erythrée, os ataques á Abyssinia, o dominio do Egypto, a quéda do Transvaal e do Orange . . .

Nossas regiões do Amazonas, do Madeira, do Purús e do Acre sentem arregalados enormes olhos sobre ellas em nome d'essa brutalidade da força, do *marco* e da *libra esterlina* . . .

Tenhamos cuidado! . . . (*Sensação.*)

Os despotas antigos faziam a guerra e perpetravam as conquistas, pode-se dizer, por um movimento espontaneo da propria bruteza, por um simples emprego e desperdicio de força; os gregos de Alexandre fizeram-n'as por um ideal de gloria e de cul-

tura; os romanos dos bellos tempos pela grandeza do proprio nome, os anhelos da ordem sob o imperio do direito; os homens da Renascença, portuguezes e hespanhoes do cyclo epico, pela sêde de aventuras e por dilatar a fé. . .

A demoeracia moderna, commercialista, deserente, interesseira, materialista e cupida, fal-as pela ancia do gôso, do dinheiro, do lucro, do capital, para urdir *trusts* e levantar syndicatos. . . E' a alma de Shylock generalisada, espalhada, elevada a denominador commum das aspirações modernas. . . Será um enorme progresso na ordem material, porém pavorosa decadencia na esphera moral das relações politicas dos povos. O imperialismo contemporaneo aspira o mando do mundo para o explorar, como uma fazenda, uma incommensuravel mina de ulha! . . .
(*Bravos.*)

Se nos queremos manter acobertados, abroquelados contra as arrogancias de mando e conflagração estranha dentro em nossa casa, não devemos fiar indifferentes, não devemos fazer como os enfermos que, atacados de molestia grave, teem a leveza de suppôr que nada soffrem e refugam todo o remedio. E' a arrogancia dos fatuos: *Quem pode com este colosso?*

Até as pedras do chão se levantariam, até as montanhas se deslocariam por nos defender.

E' a linguagem da peor das loucuras, o falar da leviandade inconsciente dos fracos.

Tambem não devemos praticar como os doentes desanimados, que desesperam da melhoria e da cura: «*Somos um povo condemnado, perdido! . . .*» E' a linguagem da covardia desvairada e nullificante. Nada, nada d'isto; nada d'estes extremos insensatos.

O que nos convém é, tendo certeza dos males que nos assoberbam, dos perigos que nos ameaçam, apparelharmo-nos, aprendendo dos povos mais cultos e mais fortes todos os recursos da sua civilisação, de suas sciencias, de suas artes, de suas industrias; o que mais nos convém é tomar d'esses povos tudo quanto possuem capaz de fortalecer o cerebro, o coração e o braço; devemo-nos apoderar, pela critica de nós mesmos, por meio do trabalho, por meio da severa escola do dever, da honra, da justiça, da verdade, de todos esses aparelhos que fazem a felicidade, a gloria e a força das nações viris. . . (*Bravos e palmas.*)

Nem a fatuidade dos parvos, nem o desanimo dos fracos: o caminho a trilhar, a

senda a proseguir é a da confiança intelligente em nós mesmos, lembrando-nos das altas lições de civismo e amor á patria que encham e se levantam, como exemplo, das paginas da historia da nação-mãe que nos formou.

O patriotismo portuguez e o patriotismo hespanhol estão á prova de ferro e fogo; são como dois phanaes a illuminar e dirigir os passos das nações filhas de sua força, de sua inteireza, de sua dignidade e de seu amor.

Os povos hispano-americanos sabem-n'ó bem e não queiramos nós esquecer-o.

Todos os imperialismos do mundo hão de recuar deante da vontade ferrea das gentes da peninsula. A intransigencia selvagem d'essas gentes, sem par n'este sentido, a loucura pelo torrão natal é herança millionaria das populações ibericas.

Os iberos, que constituem a primitiva população e são o fundamento da nação actual, tinham esse caracteristico especifico em grau desconhecido a todas as outras raças do globo.

E' por isso que ainda hoje só alli é que existem restos puros das antiquissimas gentes europeias anteriores a semitas e aryanos — os bascos; é por isso que, como já vos lembrei, phenicios e carthaginezes não pas-

saram, em regra, dos ancoradouros da costa e sertões circumvisinhos; é por isso que os celtas foram alli incorporados, assimilados, e não incorporadores e assimiladores; é por isso que os romanos gastaram lá em duzentos annos as suas melhores forças, e, a despeito de toda a sua habilitade politica, de todo o seu prestigio, de todo o seu timo, de todo o seu valor, de todo o seu heroismo, de todo o seu bom senso pratico, o mais perspicaz que tem illuminado o curso inteiro da historia, jámais se teriam alli mantido, se tivessem ousado anniquilar as franquias e direitos locais das populações incorporadas como aliadas, no mesmo pé de egualdade aos aliados da propria Italia; é por isso que identica foi a sorte dos wisigodos, cujo primeiro cuidado foi tratarem de egual modo e egual fórma as gentes indigenas romanisadas; é por isso que os arabes consumiram oito longos seculos em porfiadas luctas, nunca senhorearam o corpo inteiro do paiz, nunca depuzeram as armas, nem desencilharam os cavallo; porque a guerra de *reconquista*, desde o dia em que Tarik passou o estreito e tomou o primeiro palmo de terra hispanica, jámais deixou de tremular fortemente nas almas. Em todos esses embates mais e mais se robusteceu a couraça do pa-

triotismo hespanhol, de que o patriotismo portuguez é um garfo mais doce e mais poético sobre ser tão tenaz e tão intransigente. São ainda recentes, pode-se dizer, porque são das primeiras décadas do século XIX, e os homens da minha idade ainda conheceram muitos combatentes de então, os epicos episodios dados com os exercitos napoleonicos na península, para que alguém se lembre de considerar facil a conquista da Hespanha e Portugal. (*Palmas.*)

E' este, portanto, senhores, o exemplo a ser imitado por todos os brasileiros sinceramente possuidos da paixão da patria: proseguir no encalço de tudo quanto de nobre, de alevantado, de cavalleiresco, de insigne anda a luzir nas paginas do *grande pequeno povo* . . .

E ficae sabendo que o nosso proprio nativismo, o nativismo brasileiro, n'aquillo que tem de mais puro e melhor, é uma feitura d'elle; porque nenhum povo sobre a terra tem em tão elevado grau, quanto elle, essa virtude magna das nações immortaes.

E' bastante ter frequentado os seus lares ou ser filho d'esses homens, sempre animados de *amor da patria não movido de premio vil*, para ter visto a doce irradiação de contentamento que lhes illumina as feições,

sempre que em seus descendentes descobrem egual sentimento, identico fanatismo. (*Muito bem.*)

Não é preciso ter lá estado a assistir ás suas luctas para conhecer como são ciosos de si mesmos, de seus costumes, de suas prerogativas, de suas glorias, de sua historia e, sobre todas as coisas, do pequeno *ninho seu paterno*. . . (*Palmas.*)

Mas perguntar-me-heis: que se poderá fazer n'esse terreno, tentar n'esse sentido?

Muito ha a fazer, muito a tentar. Escutae.

Tudo quanto fôr tendente a approximar o mais possivel o portuguez do brasileiro, para attrahil-o a continuar a collaborar na grande nacionalidade que elle creou em o Novo Mundo, deve ser posto em pratica de parte a parte pelos dois povos e pelos poderes publicos de ambas as nações.

Fortes propagandas devem ser tentadas n'este sentido: tratados de commercio convenientes a ambas as partes, convenções litterarias, exposições habeis e suggestivas dos productos dos dois paizes lá e cá, vantagens especiaes para o fim de reatar o fio interrompido da immigração reinol, este ultimo *desideratum* especialmente, tudo isto deve ser posto em pratica por adequados meios.

Pelo que toca em particular á colonisa-

ção, é loucura desconhecer ser a de portuguezes a que mais nos convém, como leveza é ignorar o seu valor n'esse mistér. Quando os azares de uma politica errada em seus planos, descuidosa em seus intuitos, os foram afastando de nossas plagas, elles foram fecundar Demerara, Haway, a California, a Africa e outras muitas regiões do globo, com o seu trabalho e seu espirito de ordem.

Porque não attrahil-os dè novo?

Releva não esquecer ser a gente que mais nos quadra, porque é a que infallivelmente aqui fica, a que connosco se irmanisa fatalmente pelas tradições e pela lingua, a que não nos mette medo com as suas esquadras esmagadoras e seus exercitos formidaveis, a que não nos ameaça com a intervenção diplomatica ou armada, a que não nos incomoda e hostilisa com indemnisações... (*Sensação.*) E o que acabo de dizer não é coisa de nonada.

Existem oito milhões de portuguezes espalhados pela Europa, pela Africa, pela America, pela Oceania; não é exaggero calcular em dezeseis milhões a população do Brasil; são vinte e quatro milhões de vontades que se podem unir. Quando os outros se unem, porque nos havemos de desunir nós? Vinte e quatro milhões de vontades

unidas, energicas, persistentes, bem encami-
nhadas, podem muito sobre a terra; poderão
tudo, se ellas fraternisarem na defeza com-
mum, se forem norteadas no intuito de re-
sistir a quaesquer tendencias que surgirem
no sentido de riscar seu nome do livro da
vida, das paginas da historia. (*Muito bem.*)

Temos gasto milhares e milhares de con-
tos de réis para attrahir massas de determi-
nada nacionalidade, de escolhida raça para
certas zonas do paiz, que nos veem pertur-
bar o andar natural da evolução historica,
politica e social da nação, e cujos poderosos
e compactos nucleos, inassimilados, consti-
tuem verdadeiras soluções de continuidade
no territorio da patria, sitios esses onde os
estrangeiros somos nós, onde não se fala a
nossa lingua! . . .

E essas gentes de raça diversa esperam
apenas crescer e desenvolver-se para, quasi
sem plano preconcebido, pois o facto dar-
se-ha por si mesmo e fatalmente, formarem
um corpo á parte. . .

E porque não pensar n'uma alliança of-
fensiva e defensiva? Quando vemos, quando
notamos o movimento de approximação das
republicas de origem hespanhola para com
a mãe-patria, principalmente da Argentina,
enviando vasos de guerra, delegados, func-

cionarios diversos, a estreitarem relações com a valorosa terra de Cervantes, porque não havemos de imital-os, porque não havemos de fazer a mesma coisa com Portugal, que possui uma bella esquadra e um esforçado exercito, apto para as luctas asperas nas regiões tropicaes, a ponto de, quando outros povos poderosos e cheios de vaidade soffrem, por exemplo em Africa, humilhantes derrotas, ella, a heroica terra do Gama e de Cabral, vê resurgir o antigo espirito guerreiro, cavalheiresco e epico em a lendaria figura de Mousinho de Albuquerque? (*Bravos e palmas.*)

Sim, meus senhores: não é isto uma utopia, nem é um sonho a alliança do Brasil e Portugal, como não será um delirio vêr no futuro o imperio portuguez da Africa unido ao imperio portuguez da America, estimulados pelo espirito da pequena terra da Europa que foi o berço de ambos.

Só assim, quando estamos a assistir á diffusão do elemento anglo-saxonio por todos os continentes, do elemento slavo por toda a Europa oriental e por toda a Asia do norte e do centro e do elemento francez n'essa ultima parte do mundo e pelo coração a dentro da Africa; só assim, quando até o Japão se apparelha para as peripecias do futuro e

é de esperar que a China venha a fazer o mesmo; só assim, só pela união, é que se manterá no porvir longinquo a formosa lingua de Vieira e Herculano.

Esse movimento unitario e centripeto das raças, formando grandes todos homogeneos entre si, e diferenciados uns dos outros, é que ha de poupar á humanidade a monotonia asphyxiante do cosmopolitismo avassalador, que facilmente triumpharia de pequenos povos isolados.

Uma das idéas mais ousadas, attribuidas creio que a Cecil Rhodes, é a de uma immensa federação das gentes que falam a lingua ingleza, e é verdadeiramente um pensamento genial.

Inglaterra Escossia, Estados-Unidos, Canadá, Australia, Africa do Sul, Nova Zelandia, America Ingleza e duzentas ilhas espa lhadas por todos os mares, tudo isto unido, alliado, federado, vem a ser alguma coisa de inedito, de nunca visto nos annaes do homem. E mais admiravel será o quadro se nos lembrarmos que n'elle deverão entrar a India e o Egypto, transformados pelo genio britannico.

E' de assombrar . .

E, como quer que seja, o sentimento de fraternidade entre inglezes e norte-americana-

nos é cada vez mais intensó: uma guerra entre elles é já hoje um impossivel, algo de monstruoso e inacreditavel.

O futuro terá de vêl-os unidos n'um federalismo esplendido.

E' que entre essas gentes sabe-se pensar e tem-se a audacia de dizer o que se pensa.

Não assim entre nós.

De certo tempo a esta parte, nos derradeiros vinte annos, e mais accentuadamente nos dois ultimos lustros, o Brasil tem sido o objecto de calculos monstruosos, habilmente disfarçados, que, se não se tem realisado por emquanto, tem sido devido a duas circumstancias a nós exteriores: a protecção que aos fracos advem das ambições enconradas de poderosos pretendentes, que entre si se annullam, e o não haverem ainda convenientemente medrado em força e numero os nucleos de estranhos que a nossa insensatez permittiu formarem-se dentro dos limites de nossa soberania.

Um d'elles é sobretudo perigosissimo; e dentro de trinta, ou quarenta, ou cincoenta, ou sessenta, ou setenta annos, ou um pouco mais, ou um pouco menos, elle terá dito o que realmente é, e porque se tem conservado separado de nós, inassimilado, integro, irreductivel, inconfundivel, intratavel. . .

O outro, com ser mais facil de reduzir, de absorver, de assimilar, não deixa por isso de encerrar perigo.

Por esses erros nossos e por essas pretensões d'elles é que o Brasil tem sido de annos a esta parte o joguete dos alviçareiros de ruinas, em livros, revistas, jornaes e telegraphinas, nos quaes se extravasam as arrogancias européas.

Deve ser com magua, com funda e indizível magua, que os espiritos amantes d'esta terra em Portugal e Brasil hão de ler investidas, como esta, contra a autonomia d'este paiz: — «*Berlim. — Os pangermanistas estão actualmente occupados com um projecto de organização mais solida de um accordo entre os colonos allemães no Brasil. Tem havido em diversas cidades da Allemanha conferencias cujo fim é enviar alguns pastores, padres e mestre-escolas ao sul do Brasil. Na cidade de Magdeburgo um dos oradores declarou que parte do sul do Brasil é terra allemã, que deverá mais tarde pertencer ao imperio germanico.*» (Hilaridade.)

Ah! meus senhores, o caso é mais de chorar do que de rir. A simples leitura de escriptos, como este, basta para irritar os justos melindres de uma nacionalidade que se respeita . . . Nunca se disse isto de qualquer

parte do Brasil no tempo da colonia; coisas d'estas não se onsaram então escrever. Era mais facil tentar, como por vezes tentaram, desembarcar em nossas plagas, de onde tinham de ser repellidos.

Foi só depois do grande erro do imperio, de accumular em dadas regiões do paiz gentes de uma determinada nacionalidade, que taes ameaças se tornaram possiveis. As ter-riveis palavras ali estão; vieram de lá, não foram inventadas aqui.

E nós é que somos visionarios, andamos a crear chimeras! Não tarda muito que os patrioteiros a Cabalar não nos venham dizer que estamos errados, que melhor é que este rico solo vá caber a possuidores mais habeis, mais adeantados . . .

Já o tenho ouvido.—Custa a crer; mas é a verdade!

E não pode ser innocente esse atrabilia-rio modo de falar de nosso paiz. O só facto de articular taes pretenções, de escrevel-as, de espalhal-as, de constituil-as em themes das conferencias, dos discursos, dos escriptos de audaciosos europeus, é o bastante para irritar o patriotismo de um povo medianamente bem formado, que tenha de si mesmo consciencia, por diminuta que seja.
(Palmas.)

Portuguezes não podem ler com prazer nem nós outros brasileiros coisas assim :

«*Roma.—Adolpho Rossi continúa a insistir junto da repartição e commissariado de immigração para que seja mantida a prohibição da immigração gratuita para o Brasil, allegando a falta de garantia para os italianos residentes n'este paiz.*»

Então ? Serão invenções de um nativismo exaggerado ?

Este, bem como o outro telegramma citado, são da *Gazeta de Noticias* de ha dois dias.

Se os caros italianos não acham garantias nos lavradores nacionaes, e nas justiças, e nos governos d'esta terra, que veem cá fazer ?

Não se fazem precisos muito barulho, muita azafama, muita grita, muita lucta: deixem de vir e os nossos fazendeiros que tratem habilmente de aproveitar em seus labores o immenso proletariado nacional, que por toda a parte moureja desoccupado, victima da ingratidão dos patricios e da concorrência estranha.

A nova colonisação do Brasil é uma das questões mais graves, mais sérias que podem enfrentar os pensadores e politicos brasileiros e todos os que reflectem a respeito do futuro dos negocios humanos.

Este grande paiz, desde que tomou conta de seus proprios destinos, nunca esteve fechado a estranhos.

Todos aquelles que o hão procurado tem sido recebidos de braços abertos. (*Apoiados.*) O character nacional, generoso hospitaleiro, doce, suave para com os estranhos até á tolice, esse character brasileiro, elogiado por todos que o conhecem, tem até pronunciado pendor por tudo quanto é alienigena. O paiz ahi está aberto a solicitar o concurso de todos que pretendem trabalhar, medrar crescer.

A estrada é larga, venha quem quizer.

Mas, entre essa concorrência que não desequilibra e a politica de agglomerar nos Estados do Sul, á custa de milhares de contos de réis, allemães em determinada zona e italianos n'outra escolhida a dedo, ha um immenso abysmo que só mentecaptos não vêem.

Ha trinta annos brado contra isto.

Na *Historia da Litteratura Brasileira* avultam as paginas em que combato este erro, a que já consagrei opuseulo especial sob o titulo d'*A Imigração e o Futuro do Povo Brasileiro*. Estou coherente commigo mesmo.

Essa politica de deixar formarem-se enor-

mes nucleos estranhos, com escolas de sua lingua subsidiadas por seus monarchas europeus, por seus governos de além-mar, como se dá entre nós, sobre ser gravissima offensa á soberania nacional, é facto sem exemplo na historia de todos os tempos.

Todos os dias os jornaes nos falam dos ingentes e incessantes esforços da Rússia para apagar o allemão nas suas antigas provincias germanicas; da Allemanha para extirpar o polaco das suas provincias slavas; da Inglaterra para extinguir o italiano na pequena Malta; porque comprehendeu a necessidade de nacionalisar todas as populações dos respectivos Estados.

E entretanto, são linguas faladas por seus donos desde tempos immemoriaes . . .

Nós aqui não; deixamo-nos invadir lentamente e nem ao menos temos coragem de impôr o ensino da nossa lingua, dentro dos limites de nosso proprio territorio, nem até n'aquellas mesmas escolas que pagamos com o nosso dinheiro! . . . Vêde bem: não se trata de prohibir o uso das duas linguas concorrentes; seria medida irremediavelmente acima de nossa fraqueza; trata-se apenas de prescrever o ensino da lingua de Camões, que já foi n'outros tempos a lingua exclusiva do paiz, ao lado das duas intrusas, que

já a supplantaram em varios sitios e ameaçam fazel-a recuar cada vez mais. (*Sensação.*)

Sob este aspecto e no tocante a este assumpto, teem-se dado no paiz alguns factos verdadeiramente typicos em sua inqualificavel anomalia.

D'este numero é, certamente, um narrado não ha muito pelos jornaes: «Em uma d'essas singularissimas indemnisações que o Brasil tem sido tão repetidamente obrigado a pagar de certo tempo a esta parte, parece que o dinheiro a dividir foi tão consideravel que excedeu as reclamações exigidas e voltou parte d'elle, de torna-viagem, a fim de ser applicado ás escolas *italianas* no Brasil. . . » (*Riso.*)

E' inacreditavel. Só o desmazelo brasileiro supporta gallhardias d'estas. E' facto unico que, em sua eloquencia, deveria abrir-nos os olhos, grudados por pesado somno.

Se esses novos empossadores do paiz ligam tanta importancia ás suas linguas que não poupam esforços para as conservar entre nós, evidente se torna, pela licção d'elles mesmos, o valor d'esse extraordinario signal nacional, e como o descuramos nós?

Nos paizes que recebem immigrantes, os Estados-Unidos, a Argentina, o Chili. . .

esse inqualificavel desastre não se deu já-mais e não se dará nunca. Quem não aprende, por exemplo nos Estados-Unidos, o inglez —, morre de fome e é por isso que alli não existe um palmo de terra em que a lingua do paiz tenha desaparecido para dar logar a outras.

Estas são faladas particularmente em casa, não tomaram conta de regiões inteiras.

Era maravilha reservada ao Brasil.

Em partes varias dos Estados do Sul, em Bhemenan, Joinville, Bruschy, Dona Januaria, São Leopoldo, Nova Hamburgo e trinta outras localidades, a lingua portugueza brilha pela ausencia. Dada a inercia dos brasileiros e a fraqueza de seus governos, este terrivel estado de coisas é irremediavel, e, infelizmente, já até é tarde para protestar, e, o que é mais, é perigoso tratar este assumpto . . .

(Varios não apoiados.)

Visto que chegámos a um tal grau de cegueira que só parece a de um povo que propositalmente se quer esphacelar, pois que, quando alguém, n'este assumpto, procura abrir os olhos da nação e principalmente d'aquelles que teem em suas mãos os seus destinos, a paga que encontra, a resposta que recebe é a de algumas descomposturas

nos jornaes dos privilegiados concorrentes, não falando já nos esconjuros de brasileiros *sabidos* que julgam fazer monopolio de *adeantamento* . . . (*Riso.*)

Eu mesmo, que assim estou a falar, parece-me já estar a sentir a saraivada que me vae cahir em cima. E' infallivel.

O menos que nos chamam é visionarios ou loucos.

Oxalá fossem visões ou loucuras! . . .

De visionarios ou loucos tambem foram taxados os patriotas romanos, como Ammianno Marcellino e Synesio, quando abriam aos imperadores os olhos sobre a fatal politica de irem enchendo os corpos do exercito de germanos ou os foram lentamente, durante tres seculos, infiltrando por toda a parte.

O resultado é conhecido : quando se acharam convenientemente installados, com um pequeno auxilio de fóra, deram por terra com o colosso latino! . . . Creio ser a Republica do Brasil um poucochinho menos forte que o imperio de Roma, e os seus Estados do Sul já se acharem algum tanto brocados para nos escaiparem das mãos em . . . quero botar para bem longe estes vaticinios . . . em oitenta, noventa ou cem annos, um nada na vida de um povo! . . .

E agora occorre-me um facto a mim narrado por seu auctor ha uns dezeseis ou dezeseite annos.

Um illustrado e activo allemão, immigrado no Brasil desde 1851 e residente no Rio Grande do Sul, onde chegou a alta posição jornalística e politica, redactor de duas folhas, uma em lingua allemã e outra em lingua portugueza, meu amigo, por saber em que alta conta sempre tive a raça germanica, pois não é ignorado o grande apreço em que sempre tive e tenho ainda a esse povo dotado de admiraveis qualidades politicas, scientificas, artisticas e economicas, e que, tomado em totalidade em seus diversos ramos, é o principal factor da cultura contemporanea, esse distinctissimo allemão disse-me uma vez aqui no Rio de Janeiro em conversação intima: — «Em 1858 requeri á Assembléa do Rio Grande do Sul a concessão de transportar da Allemanha trezentas mil familias para com ellas povoar todo o territorio das Missões; a Assembléa indeferiu tal pretensão e foi pena; porque, como v. facilmente avalia, seria o germen seguro do futuro Estado germanico em terras da Meridional America.»

Calei-me, como se houvesse recebido uma ducha gelada; mas de então em diante não

tive mais duvida no tocante ao engenhoso edificio que temos estado, com as nossas proprias mãos, ajudando a levantar em terras do Sul.

A italianisação de S. Paulo, com ser um phenomeno extravagante, offerece muito menores perigos, por serem gentes latinas, que falam um idioma congenere, approximado ao portuguez, e d'est'arte, se tornarem mais assimilaveis, gentes de mais fraca resistencia ethnica, attenta a mór propensão que mostram em cruzar com os filhos da terra. O elemento germanico, superiormente dotado sob o ponto de vista das qualidades ethnicas, é demasiado differente de seus visinhos e concorrentes brasileiros que considera inferiores a si, e a experiencia tem provado que não se deixa assimilar e diluir pelas populações patrias que o circumdam.

Não sei precisamente a quantos milhares montam hoje os habitantes allemães de Rio Grande, de Santa Catharina e Paraná e em que proporção exacta estão elles para com as populações de origem portugueza. Nós somos tão desasados, que nem estudos regulares possuimos de taes assumptos, por mais graves que evidentemente sejam.

Affirmo, porém, que onde quer que as gentes germanicas constituam um nucleo

forte, extenso e populoso, e logo que esses homens energicos, activos e fortes, que formam uma sociedade radicalmente diversa da nossa, se acharem superiores em numero, é um impossivel, a olhos vistos, que se deixem conduzir pelas praticas da politica, da administração, do Estado brasileiro.

Eis a questão.

Pensar o contrario é desconhecer em absoluto o que sejam os allemães como gentes de autonomia e iniciativa. E, reparae bem, notae bem que não digo que o Imperio da Allemanha venha reclamar nossas terras como coisa sua, como colonias á guisa de Angra Pequena, Camarão, Zanzibar ou Nova-Guiné. . . não, cem vezes não! . . . Os allemães do Brasil não aspiram a esse papel, não desejam ser dependencias do governo imperial; poderão aceitar essa tutela provisoriamente: seu anhelos será o da independencia, formando o *Estado*, sonhado pelo jornalista meu amigo. Em oitenta ou cem annos, ao mais tardar, o nucleo do Rio Grande, que parece o mais poderoso e compacto, tornar-se-ha independente e, estendendo a mão ao de Santa Catharina, alliar-se-ha com elle, formando ambos a nova nacionalidade que arrendará os seus limites com certas zonas do Paraná.

O meio de conjurar este perigo é mudarmos de rumo em tudo que diz respeito á nossa politica, maximé em questões de colonisação.

Trabalhemos, sejamos calmos e sensatos, instruamo-nos, apparelhemos-nos para as lides das industrias, do commercio, das artes, da sciencia, tenhamos juizo, seriedade, moralidade, apertemos os laços da Federação que se dissolve, tenhamos espirito pratico, deixemos a damninha politicagem, tratemos dos magnos interesses do paiz, percamos o medo da estrangeirada pretenciosa, por um systema estrategico de viação ferrea articulemos todo o corpo do paiz em ordem a ficarem os nucleos coloniaes presos á capital e a todas as nossas maiores cidades, ao lado das colonias alienigenas colloquemos outras rivaes, não esquecendo entre ellas collocar e proteger elementos nacionaes que andam ali desoccupados, procuremos, finalmente, fortalecer, augmentar, diffundir, quanto possivel, o elemento portuguez. (*Apoiados.*)

Meu alvo, n'este primeiro discurso, foi por assim dizer, abrir o quadro das perspectivas geraes do assumpto; mas vós comprehendes ser esta these susceptivel de largo desenvolvimento de argumentos scientificos, politicos, economicos e sociaes. N'esta ini-

cial exposição quiz dar apenas as primeiras pinceladas para esclarecer o espirito nacional e mostrar em que sentido é que falta dar um reforço, um avigoramento ao tronco tradicional de nosso povo, no alto empenho de nos acautelarmos deante do imperialismo europeu e dos perigos internos que deixamos levanamente medrar em nosso proprio seio.

Devemo-nos preparar para a lucta e esse preparo tem de ser não só de ordem physica, mas de ordem intellectual e moral. Na ordem material, devemos lançar mão de todos os recursos que as proprias sciencias e industrias europeias são as primeiras a lançar pelo mundo: devemo-nos armar e fortalecer physicamente para estarmos prestes nas emergencias da lucta; na ordem intellectual e moral, reforma radical de nossos processos de meio ensino e meia sciencia e fortalecimento completo de nosso caracter molle, fraco, falho dos invenciveis incitamentos de um esclarecido patriotismo.

E, n'este ultimo ponto, é digna de imitação a intransigencia portugueza pelo torrão natal.

Latino Coelho, meus senhores, disse uma vez, e este dizer do distincto escriptor de então em deante tem sido repetido em todos os

tons: que duas grandes obras tinha Portugal produzido — *Os Lusíadas e o Brasil*. Elle queria significar que o povo portuguez se dava por bem pago na historia por haver creado, no mundo do pensamento, aquella obra immortal, extraordinaria, aquelle poema cavalleiresco, que é a primeira epopeia moderna, porque é aquella em que apparece pela primeira vez o elemento industrial, inaugurador dos novos tempos, e por haver creado, no mundo da politica, o Brasil, herdeiro de suas glorias, notavel pelo papel que deveria representar no futuro, tendo a missão de guardar, como um thesouro a zelar pelos seculos adiante, a sua lingua, a lingua do poema, a lingua de Camões. (*Muito bem.*)

Mas, meus senhores, creio que vae n'isto certa dose de illusão. Não duvido, antes quero crer, desejo crer, que a lingua portugueza deva ser eterna em grande parte do Brasil; mas, se as coisas continuarem como vão, ella, em certas zonas do paiz, terá de desaparecer, e, o que é mais grave, de algumas já desapareceu! (*Sensação.*)

Mas de onde ella nunca se ha de apagar é justamente de lá, é de entre a Galliza e a foz do Guadiana. (*Muito bem.*)

Alli a lingua portugueza não ha de morrer, porque está á prova de ferro e fogo, á

prova de todas as peripecias da historia; não haverá conquistadores tão ousados que a consigam apagar da alma dos homens. (*Muito bem.*)

E, como uma aspiração nacional, como um ardente desejo, nós devemos também esforçar-nos para que esta lingua, *grandiloqua e sonora*, seja também perpetua, seja eterna em nossas almas, para que nunca mais desapareça das plagas de Guanabara, nem de toda esta immensa e amada terra que vac do Amazonas ao Prata. . .

(Uma salva de palmas cobriu as ultimas palavras do orador.)



Appendice

(Como documento)

A immigração e o futuro do povo brasileiro

Uma vista inquiridora lançada sobre o Brasil actual, tendo-se em mente o problema do futuro da raça portugueza entre nós, chegará a conclusões mui pouco lisonjeiras sobre esse porvir. A carta ethnographica das actuaes populações d'este paiz assignala-nos quatro grandes zonas, e em algumas d'ellas a influencia portugueza, ou foi quasi nenhuma, ou tende infelizmente a ser suplantada. O paiz não foi todo e egualmente senhareado pelos conquistadores.

Temos, primeiramente, a grande região do valle do Amazonas em sua extensão vastissima, onde o portuguez creou um ou outro nucleo de população, ficando a maxima parte

das terras entregues aos selvagens, ou deshabitadas.

A população da Republica, em muitas e muitas dezenas de annos, não será bastante numerosa para refluir por aquelles desertos e plantar alli o seu dominio.

Em futuro, talvez não muito remoto, populações européas de raça estrangeira, ou, porventura, os excessos da população dos Estados Unidos hão-de encaminhar-se para aquella ubertosa terra, hão-de affastar os selvagens ou cruzar com elles, e formar alli uma ordem de cousas, onde o portuguez, com magna o digo, brilhará pela ausencia.

O mesmo mais ou menos acontecerá á segunda, nosso extenso *Far-West*, que não temos forças para colonizar, e que será provavelmente aproveitado pela gente que povoar de futuro o immenso valle amazonico.

A tereceira região, comprehendendo as extremas provincias do sul, vae escapando cada vez mais á influencia portugueza com a enorme incorporação de colonos italianos e allemães. Dentro de dois seculos a lingua de Camões terá desaparecido talvez do Rio Grande, de Santa Catharina, do Paraná e de S. Paulo.

Resta-nos, finalmente, o Brasil intermedio,

a região que vem do Maranhão ao Espírito Santo, com o S. Francisco ao centro, limitando-se por um lado no oceano e por outro nas cumiadas dos chapadões goyanos.

Este é e será ainda por muito tempo o Brasil portuguez. Mas, em compensação, que atrazo vae por ahi, que pobreza, que miseria! . . . Quantas cidades e villas em ruinas! É na maxima parte a região aspera das secas.

Ahi mesmo, porém, o portuguez não impera absolutamente. Bem longe d'isto; é a região onde se deu o maior mestiçamento com as duas raças inferiores, predominando o *mulatismo* n'uns pontos e o *caboclisto* n'outros.

É a zona para onde não vêm immigrantes; é o paiz torrido, onde bem ao meio, a quem o percorre pela costa, se depara arriada ao S. Francisco, que preside a toda a região, Sergipe, minha patria.

É o velho Brasil, o Brasil portuguez e historico. De duas, porém, uma: ou continuará a ficar sem a inoculação do elemento estrangeiro, e, neste caso, definhará mais e mais, acabando finalmente pelo predominio de uma população egual á da republica de S. Domingos; ou será o theatro de vastas immigrações européas, e, nesta hypothese, ainda

definirá, como na primeira, o elemento portuguez.

O futuro d'este elemento no Brasil depende, pois, da solução que tiver entre nós o problema da colonização.

Ora, este problema tem recebido aqui duas soluções contradictorias, egualmente nocivas; uma positiva e outra negativa de mais.

A positiva de mais tem imperado no sul, e consiste em encher a torto e a direito as provincias meridionaes de estrangeiros.

No fim de seis ou oito gerações, digo mal, no fim de quatro ou cinco, a serem realizados os sonhos de certos pretendentes vistosos e pedantes, todo o sul do Brasil estará, além de outras causas naturaes, com uma enorme população estrangeira, totalmente diversa da do resto do paiz e a sua separação, a sua independencia será inevitavel, por certo.

A solução negativa em excesso é a levada a effeito para com todo o norte do paiz, a contar do Espirito Santo para cima.

Espiritos tacanhos e myopes, atufados nos faccis interesses que os cercam no sul, espalharam por toda a parte o descredito do bello clima do norte e a sua mortalidade para o europeu.

O resultado tem sido o constante depau-

peramento das populações nortistas durante todo este seculo e a decadencia pasmosa de toda aquella enorme região. Se estes dois systemas contradictorios perdurarem, e forem levados ás suas ultimas consequencias, o futuro da raça portugueza, desgraçadamente, será nullo no Brasil.

No sul será ella submergida pela onda estrangeira; no norte definhará, morrerá de marasmo, desfigurada e abatida sob o affluxo superabundante do sangue das raças inferiores; não devemos esquecer que os negros, indios e mestiços d'esta região, reunidos, excedem de muito os brancos puros ou pretendidos taes. Mais tarde virão os estrangeiros desalojados pelo excesso de população da Europa e dos Estados Unidos e farão para o norte o que os seus parentes já muito antes hão-de ter feito para o sul, isto é, virão em grandes levas e alastrarão o paiz e suavemente o engulirão.

N'um caso e n'outro o Brasil futuro será, a continuarem assim as cousas, de uma outra raça que não a nossa, e o papel do povo portuguez aqui terá sido simplesmente o do primeiro desbravador do terreno; terá sido o de uma população provisoria, que veio limpar o caminho para outros. . .

E esta idéa, que me atravessa por vezes

o espirito, desde que estudo a historia de minha patria, é triste, é bem triste.

Oxalá meditassem sobre ella os grandes e os poderosos do dia, aquelles que têm nas suas mãos os destinos do actual povo brasileiro!

Em todo o caso, e para salvar de futuro minha responsabilidade, ahi fica em rudes palavras esse desabafo ou esse brado de dôr.

E não haverá um meio de conjurar o perigo, não haverá um caminho intermedio entre aquellas duas soluções nocivas, uma para o sul e outra para o norte? Creio que sim.

Não sei até que ponto a historia é um producto da mecanica universal; não sei até que ponto é ella inconsciente e fatal e realizará os seus feitos independentemente dos calculos humanos. Não sei, pois, até que ponto o problema das immigrações dos povos modernos seja uma cousa que se possa calcular e dirigir.

Mas, quer-me parecer que os assumptos politicos e sociaes não são assim tão mathematicos, mecanicos e physicos que nos escapem de todo.

A politica tem mais proximos parentescos com a biologia, que é uma visinha, que lhe fica mais perto.

Parece-me que os bons calculos e as fortes propagandas podem dirigir as vontades das massas n'um sentido determinado e prestar na sciencia social o mesmo serviço das culturas e creações artificiaes na biologia.

Creio, assim, que seria possivel disciplinar e dirigir no Brasil o terrivel problema da immigração estrangeira.

Seria possivel encaminhal-a methodicamente para todas as zonas do paiz, espallhal-a, diffundil-a, habilital-a a produzir novas populações, que sejam absorvidas, incorporadas ás nossas populações nacionaes e assimiladas por ellas, no intuito de não perderem estas a sua physionomia. Nada de hypertrophias por um lado e esgotamentos por outro.

Sob o ponto de vista da colonização, a teima em comparar nossas condições com as dos Estados Unidos e Republica Argentina, as duas grandes nações americanas que recebem immigrantes, a referida teima é um horrendissimo absurdo.

Os Estados Unidos são um paiz de clima quasi uniforme, com excepção do territorio, comparativamente pequeno, do extremo sul ás margens do Golfo Mexicano. Possuiam já uma população energica, apta a assimilar a de seus parentes allemães, quando estes come-

çaram a afluir para alli. E estes espalhavam-se por toda a extensão do territorio, não indo acantear-se n'um ponto, como se tem feito no Brasil. A nova população formou-se e cresceu, sem mudar de aspecto. Todos são *americanos* e falam *inglez*.

É singularissimo este facto: apesar dos muitos milhões de immigrants entrados na Republica, não ha um só districto, por pequeno que seja, de onde a lingua ingleza tenha desaparecido e o americano seja considerado estrangeiro. É o que infelizmente não acontece no Brasil.

A Republica Argentina é tambem inteiramente dessimilhante do nosso paiz. É um territorio muito menor, muito mais equal pelo clima e mais unido geographicamente. A colonização espalha-se e é facilmente assimilada. E, quando acontecer que o não seja, os argentinos saberão pôr-lhe obices como praticaram os americanos com os chins.

Aqui nada se tem feito com plano e sob a direcção de idéas justas e scientificas.

Começou-se por desacreditar o clima de todo o norte e declarar aptas para a colonização sómente as quatro antigas provincias do extremo sul.

Commettido este primeiro erro, passou-se

logo a um segundo. Alguns ambiciosos politicos, desejosos de figurar no parlamento, e não tendo prestigio proprio em alguma provincia, entraram a fazer zumbaias ás populações estrangeiras existentes em massa em muitas regiões, fazendo-lhes promessas e pondo-se ao serviço d'ellas, no duplo intuito de figurar na Europa e de entrar para o parlamento, levados nos hombros de um eleitorado de origem estranha, avido por crear influencia politica. Isto se fez largamente no tempo do imperio.

Taes ambiciosos, que ainda sobreexistem, não desejam, de nenhum modo, que seja alterado o actual systema de immigração para esta parte da America. Ficam possessos, quando se lhes fala em espalhar os colonos por todo o paiz. É que isto seria matar-lhes o plano de crear no sul uma população diversa da do resto do territorio, população que desde já intervenha na vida politica, e dentro de cincoenta annos dê o grito da rebellião separatista, desmantelando assim aquella *famosa peça de architectura politica*, de que falava o grande Andrada. São notorios os argumentos terroristas d'essa gente contra quem não lhes facilita os planos. Conhecedores emeritos da vaidade nacional, que nos leva a todos á ambição de passar-

mos por *adiantados*, lançam em rosto aos adversarios o espantallho de *nativistas e atrazados*!! . . . Diante da força probante de taes razões curva-se toda a gente.

Entretanto, ainda é tempo de dizer a verdade. Existem hoje tres systemas sobre a colonização do Brasil por estrangeiros: *a)* o dos *immobilistas* intransigentes que nada querem fazer por este lado: *b)* o dos politicos *interesseiros* que aspiram pela transformação completa dos quatro Estados do Sul, e *c)* o da *colonização integral e progressiva*. Este ultimo é o meu systema.

É elle o unico apto a garantir o futuro da raça portugueza n'estas regidões da America; por ser o unico que póde preencher as lacunas da antiga colonização pelos descobridores, encaminhando convenientemente o problema do moderno povoamento com elementos estrangeiros.

N'esta questão as minhas idéas resumem-se nas seguintes theses, aqui offerecidas em estylo aphoristico, para serem bem comprehendidas:

1.^a A antiga colonização do Brasil pelos portuguezes foi lacunosa, especialmente no alto norte e grande oeste do paiz;

2.^a Mesmo no sul e léste a sua influencia tende a diminuir, alli pela introdução de

fortes elementos estranhos, e aqui pela superabundancia dos mestiços de sangue indio e africano;

3.^a O meio de formar no Brasil uma nação forte é attrahir a colonização estrangeira por modo inteiramente diverso d'aquelle que tem sido até agora praticado;

4.^a Deve-se acabar com o systema de cuidar só do sul, deixando o norte e o centro em completo esquecimento;

5.^a É indispensavel acabar, uma vez por todas, com o descredito estultamente lançado sobre o clima do norte e do oeste do paiz, reconhecendo que em todo o vasto planalto brasileiro existem zonas perfeitamente apropriadas á colonização européa;

6.^a Este systema de colonização integral do paiz, assimilando os elementos estrangeiros, é previdente e patriotico, sem ser por fórma alguma hostil aos europeus;

7.^a Muito, pelo contrario, é contar sempre e sempre com elles para a organização e engrandecimento da nossa patria, dando sempre, porém, a preferencia ao portuguez;

8.^a Não se devem, pois, desprezar os elementos nacionaes, que podem ser aproveitados para a colonização do paiz.

É esta a summa do systema. Não existe ali evidentemente exagerado *nativismo*...

Acendrado patriotismo é o que n'essas idéas se sente palpitar. Negal-o? Só o poderão fazer os *rabulas* da politiquice, ou os costumes *especuladores* das interminaveis pepineiras, que constituem, vergonhosamente, a historia d'esta questão no Brasil. . .

1890.



